

GESTÃO DE RECURSOS

Phynance se associa com a Integral Trust e cria asset

Empresa lançará carteiras com estratégias quantitativas de ações e multimercado, que investirão com base em modelos matemáticos. Por **Angelo Pavini**, de São Paulo

Criada há menos de um ano, a Phynance Estratégias Quantitativas, fornecedora de assessoria para investimento em ações com base em modelos matemáticos, associou-se à consultoria Integral Trust para criar uma gestora de fundos de investimento. Batizada de Integral-Phynance, a empresa será a controladora da Phynance Asset Management, que estará lançando no início de setembro dois fundos, um de ações e outro multimercado, que usarão somente modelos quantitativos para definir suas aplicações. Os fundos quantitativos usam fórmulas e estatísticas para decidir onde investir. A Integral-Phynance será controladora também da Phynance Tools, que continuará vendendo os serviços de análise quantitativa direto para os clientes.

A associação entre as duas empresas é reflexo de um namoro antigo, diz Fabio Bretas, sócio fundador da Phynance. Ele, o sócio João Marcus Marinho Nunes — ex-Ágora, Cargill e MCM — e o sócio da Integral, Carlos Fagundes — ex-Chase Manhattan e Itaúleasing —, conheceram-se como professores do Ibmec, onde já discutiam o uso das ferramentas quantitativas no mercado financeiro. A Integral tem uma parceria com a gestora de recursos Capitânia para a área de fundos de recebíveis (FDICs) e agora terá um braço para fundos de investimentos.

Segundo Bretas, a Phynance Asset Management será a primeira gestora de recursos exclusivamente quantitativa do Brasil. "Existem outras que têm apenas fundos quantitativos, mas nós optamos por colocar isso no objeto social da empresa", diz. Isso e a novidade dos fundos quantitativos no Brasil levou a um processo mais demorado para aprovar a asset na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), de quase seis meses, tempo em que Bretas, especialista em astrofísica, explicou seus sistemas de gestão e controle de risco. "É uma empresa diferente do que existe hoje, os gestores são físicos, matemáticos, por isso o processo na CVM também foi diferente", diz.

Bretas afirma que o formato de fundo eliminará as limitações encontradas pela empresa ao tentar aplicar as estratégias quantitativas a clubes de ações. A Phynance fechou parceria com corretoras que deram origem a dois clubes de ações quantitativos. Mas como essas carteiras estão sujeitas a vários controles, como manter no mínimo 67% do dinheiro aplicado em ações,



Carlos Fagundes, João Marcus Marinho Nunes e Fabio Bretas: das aulas do Ibmec para parceria em gestão de fundos

não investir mais de 30% da carteira em Índice Bovespa futuro e não ficar vendido (devedor, apostando na baixa), os gestores não podiam fazer o que os modelos mandavam. "O modelo indicava venda de bolsa desde o dia 12 de maio (pouco antes do movimento de baixa que começou no dia 15 de maio), mas não podíamos fazer nada por causa dos limites", lembra ele.

A idéia agora é que os clubes compreem cotas do fundo de ações quantitativo da Phynance Asset. O fundo, batizado de Andrômeda, deve ser lançado no início de setembro e poderá fazer todas as operações de derivativos, desde aluguel de ações até ficar vendido em índice ou num papel específico. A administração da carteira será da Mellon. "Há um crescimento dos clubes de ações e queremos oferecer o fundo para esses investidores diversificarem, saindo do gesso da regulamentação", diz.

Bretas espera também que a CVM autorize o fundo a marcar o valor de seus ativos pelo fechamento e não pela média do dia. "Os fundos quantitativos em geral operam no fim do dia, mas se o pregão foi volátil, haverá uma distorção pois terei de calcular a cota pelo preço médio, não pelo

preço que paguei", diz. Essa distorção é motivo de reclamação de vários gestores de fundos de ações que usam estratégias envolvendo o índice futuro, que é marcado pelo preço de fechamento, enquanto as ações em carteira são marcadas pela média. O Andrômeda terá taxa de administração de 3% ao ano mais 20% do que superar o Ibovespa e aplicação mínima de R\$ 100 mil. A carteira aceitará também pessoas físicas, mesmo que não sejam investidores qualificados.

Além do fundo de ações, a Phynance criará um multimercado que aplicará aos mercados de juros e câmbio os modelos quantitativos usados em ações. O fundo se chamará Órion, terá carência de 22 dias úteis para resgate, taxa de administração de 2% ao ano e mais 20% sobre o que exceder o CDI. O fundo é voltado para investidores qualificados e tem aplicação mínima de R\$ 100 mil. "A carência é uma forma de proteger o investidor, pois teremos estratégias que podem dar prejuízos durante alguns períodos e o cliente pode sacar antes da recuperação", diz Bretas. Pelas simulações do gestor nos últimos cinco anos, o fundo teria levado em seu pior período 40 dias para recuperar

as perdas. "Claro que isso é simulação sobre o passado, mas já dá uma idéia do efeito da estratégia", diz o executivo.

Para quem tem dificuldade em entender a estratégia quantitativa, Bretas dá um exemplo. Imagine um lápis colocado de pé sobre uma mesa. Quando ele é solto, pode cair para qualquer lado. Mas, uma vez que a queda começa, o movimento vai sempre na mesma direção. É isso que os modelos quantitativos tentam identificar nas aplicações, movimentos de caos e persistência.

Os fundos quantitativos devem ganhar espaço com a busca dos investidores por diversificação de maior risco. Essas carteiras já somam patrimônio de mais de R\$ 400 milhões, metade disso em aplicações feitas apenas no ano passado. A principal característica dos quantitativos é que eles tentam evitar que as emoções dos gestores influenciem nas decisões. Quem decide o que fazer é o modelo, que funciona como uma espécie de robô, mandando o gestor comprar ou vender. Lá fora, o próprio robô faz as operações, caso do mercado internacional de moedas, que funciona 24 horas. [Na visão desses gestores, o mercado é eficiente e não pode ser vencido.]